

UMA ANÁLISE HISTÓRICA DAS APROXIMAÇÕES ENTRE O PRAGMATISMO E A ANTROPOLOGIA

A HISTORICAL ANALYSIS OF THE APPROACHES BE- TWEEN PRAGMATISM AND ANTHROPOLOGY

*George Browne*¹
Faculdade Damas

Resumo

O presente trabalho se propõe a identificar a interação, do ponto de vista metodológico e epistemológico, entre o Pragmatismo Filosófico de John Dewey e os métodos de investigação da Antropologia Cultural, utilizados por Franz Boas, através da sua concepção intitulada Particularismo Histórico.

Palavras-chave

Pragmatismo. Antropologia. Dewey. Boas.

Abstract

The present work aims to identify the interaction, from the methodological and epistemological point of view, between John Dewey's Philosophical Pragmatism and the Cultural Anthropology research methods used by Franz Boas through his concept entitled Historical Particularism.

Keywords

Pragmatism. Anthropology. Dewey. Boas.

1. NOTAS INTRODUTÓRIAS SOBRE A METODOLOGIA ANTROPOLÓGICA E A PROPOSTA PRAGMÁTICA DE BOAS E DEWEY

Um dos great fathers do Pragmatismo Jurídico americano Oliver Wendell Holmes Jr, salientou na sua conhecida obra “O Direito Comum” que o fenômeno jurídico não pode ser explicado exclusivamente às expensas do raciocínio lógico, uma vez que demonstrar que um sistema é logicamente consistente por ter

¹ PhD em Filosofia do Direito pela Tulane University – EUA. Pós-doutorado pelas Universidades de Oxford e Frankfurt. Coordenador do Programa de Pós-graduação em Direito da Faculdade Damas. Ex- Reitor da UFPE.

atingido um determinado resultado, não significa que isso seja tudo; faz-se igualmente necessário uma percuciente avaliação das experiências que brotam no contexto da cultura na qual o próprio fenômeno se insere.²

Esse entrelaçamento entre o Direito e a Cultura, pressupõe o indispensável concurso de uma multiplicidade de saberes, dentre eles o de uma das mais relevantes ciências sociais: a Antropologia.

As ambições dessa área do conhecimento, voltada – como sua própria epígrafe indica - ao estudo do homem, bifurca-se, por seu turno, em Antropologia Física e Antropologia Cultural. Além disso, a Antropologia, abriga no seu corpus um conjunto dos problemas que lhe são pertinentes e que fazem parte de várias outras disciplinas, o que, necessariamente, lhe empresta um caráter multidisciplinar. Esse intercurso entre diferentes áreas do conhecimento pode ser ilustrado através da obra do pensador alemão Franz Boas, considerado o pai da Antropologia Moderna.

Há, contudo, um outro aspecto não menos relevante na obra de Boas. Como ele assinala no seu texto que trata sobre “O que é a Antropologia” ele pondera que, apesar do interesse do antropólogo sobre os achados de outras ciências na formulação do objeto da Antropologia, sua utilização não implica em transformá-lo numa colcha de retalhos que descaracterize o papel e a função específicos dos estudos antropológicos. Não resta, por exemplo, a menor dúvida acerca da relevância da linguística e do seu papel na investigação das normas de expressão, nas suas variações fonéticas, bem como dos seus efeitos psicológicos na linguagem interpretativa

² “A vida do direito não foi a lógica; foi a experiência. As necessidades sentidas em cada época, as teorias morais e políticas predominantes, intuições de ordem pública declaradas ou inconscientes, até os preconceitos que os juízes compartilham com os seus semelhantes tiveram participação bem maior que o silogismo na determinação das normas que deveriam dirigir os homens. O direito incorpora a história do desenvolvimento de uma nação no curso de muitos séculos e não pode ser tratado como se apenas contivesse axiomas e corolários de um livro de matemática,” HOLMES, Oliver Wendell Jr, “O Direito Comum” Edições Cruzeiro, Rio de Janeiro, 1963, p.29.

dos fenômenos culturais. Apesar disso, o enfoque do antropólogo tem um plus que caracteriza o seu objeto de estudo:³

“The anthropologist is more deeply interested in the social aspect of the linguistic phenomenon, in language as a means of communication and in the interrelation between language and culture.” (...) “A knowledge of the interation of these factors may give us the power to control growth and to secure the best possible conditions of life for the group.”

O que realmente se destaca no texto de Boas é, não apenas a exata medida da contribuição dos demais saberes à investigação antropológica, mas, principalmente, como essas áreas do conhecimento participam do processo de interação social e da formatação do controle e do crescimento do grupo, dando-lhe sentido e continuidade. A interação social é, portanto, o instrumento metodológico responsável pela reciprocidade comportamental entre os indivíduos e o grupo, mediada, no processo de comunicação, através da linguística.

Por conseguinte, no que respeita às articulações entre o Pragmatismo e a Antropologia, o que se pretende demonstrar é que se torna indispensável à associação entre essas duas áreas do conhecimento a interdisciplinaridade e a interação.

Em outras palavras, a multidisciplinaridade, comum a ambos, se amplia e enriquece através do princípio da interação. É possível portanto mais nitidamente iluminar e enriquecer a compreensão dos problemas de natureza cultural, através do

³ BOAS, Franz. “Anthropology and Modern Life” Norton & Com. Inc. New York, 1962, p. 15-16

curso da metodologia pragmática de John Dewey e do Particularismo Histórico de Boas.

Todavia, para entender o modo como o princípio da interação funcionalmente se manifesta na filosofia pragmática de John Dewey, faz-se necessário referir a uma outra dimensão do seu método; a interação e a continuidade representam os dois grandes pilares da concepção lógico-filosófica de John Dewey].

As mencionadas ideias deweyanas de continuidade e interação têm as suas raízes, numa considerável medida, nos estudos pós-graduados que o filósofo americano desenvolveu sobre o método dialético de Hegel. Foi através desse método que Dewey formulou uma alternativa capaz de explicar os fatos históricos, sujeitos que são às dimensões espaciais e temporais, não sob a lógica binária do ou isso, ou aquilo mas sim como o isso e o aquilo são subsumidos e sinteticamente superados, através de uma nova síntese.

Para compreender o salto epistemológico de Hegel que, numa determinada medida foi seguido por Dewey, é importante historicamente observar como a clássica filosofia alemã, retinha uma visão lógico-conceitual que considerava cada termo linguístico como portador de um significado unívoco e, portanto, só poderia ser interpretado num único sentido.

Hegel se opôs a esse entendimento, repudiando a camisa de força inerente à lógica tradicional, fundada no princípio da contradição; ao revés, para superar as armadilhas das ambiguidades, Hegel passou a usar palavras, cujos sentidos seriam aparentemente conflituosos, muito embora o seu método dialético pudesse superar essa mesma contradição.

A título de exemplificação, observe-se como Hegel utiliza o termo *aufheben*. Muito embora na língua alemã ele contenha sentidos opostos, uma vez que podem ser interpretados simultaneamente no sentido de preservar mas também, contrariamente o de destruir, ao servir-se do método dialético Hegel se propõe a conciliar esses sentidos antagônicos, através de um processo de subsunção das suas próprias contradições.

Como esclarece Michael Inwood, o pensamento hegeliano se desmembra triadicamente, de sorte que o terceiro termo é uma sintética reintegração do primeiro, só que em nível mais elevado. “A mesma palavra é frequentemente usada para o primeiro e o terceiro termos de uma tríade, sem sentidos distintos, mas sistematicamente relacionados.”⁴

Retomando, então ao método pragmático de Dewey é possível, identificar no aludido filósofo os reflexos do método dialético de Hegel, nomeadamente em referência aos aludidos conceitos de da continuidade e da interação, na medida em que se interprete o conceito de continuidade no sentido de prosseguir sem interrupção, enquanto o de interação significa interromper para então dar continuidade. Segundo Dewey: ⁵:

“Os dois princípios da continuidade e da interação não se separam um do outro. Eles se interceptam e se unem. São, por assim dizer, os aspectos longitudinais e transversais da experiência. Diferentes situações sucedem umas às outras. Mas devido ao princípio de continuidade algo é levado de uma para a outra. Ao passar o indivíduo de uma situação para outra, seu mundo, seu meio ambiente se expande ou se contrai. Depara-se vivendo não em um outro mundo mas em uma parte ou aspecto diferente de um e mesmo mundo, O que aprendeu como

⁴INWOOD, Michael, “Dicionário Hegel” Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1992, p.25

⁵ DEWEY, John. “Experiência e Educação” Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1976, p.37

conhecimento ou habilitação em uma situação torna-se instrumento para compreender e lidar efetivamente com a situação que se segue. O processo continua enquanto vida e aprendizagem continuem.”

2. FRANZ BOAS: AS IMPLICAÇÕES METODOLÓGICAS DO SEU PARTICULARISMO HISTÓRICO-ANTROPOLÓGICO

Boas, além de dedicar-se ao estudo da cultura e dos costumes dos povos primitivos, foi igualmente um pensador que sempre demonstrou um vivo interesse pelas ciências naturais, tendo, inclusive, concluído o seu doutoramento no campo da Física, defendendo uma tese sobre a cor das águas. Seus achados nessa área foram fundamentais à aplicação dos métodos utilizados pelas Ciências Naturais à Antropologia e, posteriormente à Antropologia Cultural.

Aplicações que podem ser ilustradas quando da sua expedição ao Norte do Canadá onde deu propriamente início às suas investigações antropológicas através das suas vivências com os Esquimós da Ilha de Baffinland. Nessa mesma oportunidade Boas, servindo-se dos achados da Geografia, mapeou toda a costa de referida ilha. Foi precisamente com base nessa síntese entre conceitos e métodos das ciências naturais e os direcionados ao estudo do homem que Boas pode melhor aferir o crescimento e desenvolvimento das comunidades primitivas como um passo importante à compreensão dos fenômenos culturais e à formulação do seu “Particularismo Histórico”.

É importante também aqui assinalar que, coincidentemente, John Dewey teve oportunidade de desenvolver uma profícua convivência acadêmica com Franz Boas; inicialmente na Universidade de Chicago e posteriormente em New York quando ambos exerciam atividades docentes e de pesquisa na Universidade

de Columbia. A amizade entre ambos foi tanto uma consequência da admiração pessoal que passaram a nutrir, mas, também da convivência acadêmica, quanto das recíprocas afinidades do ponto de vista metodológico e epistemológico.

Provavelmente, a partir de então, tanto Boas ampliou o seu interesse por novas áreas do conhecimento, como Dewey se foi dando conta da importância do estudo dos problemas culturais para o enriquecimento de sua própria concepção pragmática..

Um outro dado relevante é o de as investigações de Boas não se limitaram fundamentalmente à ótica dos indivíduos como fonte exclusiva e determinante do processo cultural, mas sim, de como suas características naturais se refletiam na vida grupal, tudo isso mercê das descobertas, tanto no campo das ciências naturais quanto no das humanas e como o somatório das suas teorias e métodos contribuía para um entendimento mais amplo e profundo da existência coletiva e da continuidade das organizações sociais. “The group, -dizia ele – “not the individual is always the primary concern of the anthropologist.”

Tudo isso, mais uma vez, justifica a amplitude e o alcance dos seus estudos antropológicos que conduzem a uma concepção da natureza interdisciplinar da Antropologia e dos métodos que lhes são inerentes:

“A antropologia não é uma ciência única, para o antropólogo é pressuposto um conhecimento da anatomia, fisiologia e psicologia individuais e aplica esse conhecimento a grupos. Cada uma dessas ciências pode e está sendo estudada do ponto de vista antropológico”.⁶

⁶ BOAS, Franz *Anthropology and Modern Life* The Norton Library, New York, 1962 p. 12

Isso parece sugerir que a Teoria antropológica de Franz Boas descortina a possibilidade de, através dessas ciências, melhor avaliar as diferenças e semelhanças não só entre indivíduos mas, alternativamente e numa visão at large, entre os próprios grupos, enquanto manifestações diversificadas de organização coletiva.

Em outros termos e de forma mais pormenorizada, isso implica que, os aludidos achados das ciências naturais, especificamente atinentes às características anatômicas, fisiológicas, neurológicas e mentais dos indivíduos em articulação com as provenientes das ciências humanas e sociais, voltadas aos hábitos, crenças e valores individuais dos membros do grupo, possam, em se metabolizando, lançar luz mais efetiva à compreensão dos problemas culturais sob sua dupla face, a saber: quer em relação aos próprios traços psicológicos que servem de lastro aos comportamentos individualmente considerados, quer como eles histórica e sociologicamente se ampliam, unificam e interagem através de atitudes valores e crenças que já agora, passam a refletir, diga-se assim, uma espécie de vontade coletiva das comunidades humanas.

Todavia, o problema não é tão simples assim. A conjunção entre as ciências da natureza e as sociais e humanas, tendo em vista as suas diferenciações finalísticas e sua diversidade de perspectivas metodológicas, quando direcionadas a um mesmo propósito suscitam um cuidadoso tratamento epistemológico, nomeadamente se o objeto

em questão pertence a esfera dos fenômenos socioculturais. Isso se torna ainda mais complexo – como no presente caso - na medida em que o desafio é confrontado vis-a-vis as teorias que se apoiam no determinismo causalista das tradicionais correntes evolucionistas, que pretendiam explicar as diferenças entre culturas humanas; essa concepção estruturalista cria barreiras intransponíveis entre povos e civilizações com base nas diferenças raciais, geográficas, tecnológicas, etc.

Antes propriamente de adentrar no âmago da teoria boasiana e suas objeções às correntes evolucionistas caberia algumas considerações em torno do tradicional divorcio entre

ciências naturais e humanas, bem como da proposta apresentada por parte dos historicistas alemães.

A teoria do particularismo cultural de Franz Boas, ao se opor a essa interpretação causal, propõe, alternativamente, uma interação entre diferentes povos e culturas sob o pressuposto de que, não obstante as distinções entre os seus respectivos padrões culturais é possível encontrar pontos de intersecção entre elas, capazes de acomodar suas respectivas diversidades e eventuais semelhanças culturais, sem que isso chegasse a afetar substancialmente as suas originais estruturas, mas sim que permitisse, em contrapartida, conceber novas e mais funcionais formas de difusionismo e adaptação cultural ao environment, e as suas respectivas especificidades e heranças culturais.

A teoria cultural de Franz Boas representa assim um repto contra o determinismo cultural do século XIX, com base nas teorias evolucionistas que predominaram à época, em particular as concebidas por Herbert Spencer, Morgan, Taylor, Frazer e, do ponto de vista francês, Augusto Comte, e Arthur Gobineau; este último um dos corifeus do racismo, cuja obra “A desigualdade das Raças Humanas” tornou-se um dos mais radicais libelos contra a integração racial. Gobineau, diga-se de passagem, esteve inclusive no Brasil país que considerou um caso sem solução, em virtude da miscigenação racial aqui predominante.

Boas, em várias passagens da sua obra, refere-se a problemática das integrações raciais e culturais, salientando que, apesar das diferenças raciais entre integrantes de um grupo e independentemente das prévias condições geográficas climáticas e históricas em que convivem é possível verificar que as causas que produzem essas variações, tanto internas quanto externas, decorrem, tanto de condições ambientais como psicológicas. Portanto, tendo em vista as variações ambientais e idiossincráticas, não há como admitir que tais fenômenos se manifestem sob

idênticas formas e regulados pelas mesmas causas e sim de diferentes formas de manifestação no seio da diversidade entre culturas

Apenas a título de ilustração, na sua obra, «Race, Language and Culture» Boas assinala o uso falacioso de certas concepções deterministas acerca de comunidades mais populosas e seus distintos traços hereditários. Ditas concepções, que seguem a linha do chamado “racial descent” induzem à falsa conclusão de que em existindo na comunidade similaridades funcionais, essas só podem ser explicadas através de métodos “em que o indivíduo tem igual afiliação com seus quatro avós e nenhuma ênfase linear”,⁷ e não interpretadas apenas como uma decorrência de condições similares.⁸

Uma vez que as concepções de Franz Boas, em princípio, não podem ser interpretadas sob a bitola de uma única teoria, comportando, desse modo no seu bojo, o concurso de várias teorias e métodos, se afiguraria em princípio estranho que ele tivesse – como alegam alguns dos seus críticos – categoricamente desconsiderado desse concurso teórico a teoria evolucionista. Todavia, isso não corresponde à verdade. Boas foi capaz de admitir que, expurgados os seus exageros que caracterizavam o uso irrefletido e radical do evolucionismo, algumas virtudes deveriam lhe ser reconhecidas.

Caberia, então, verificar se, como e em que medida, Boas (que, com efeito, não havia renunciado radicalmente à utilização, do método comparativo), por outro lado, dele se serviu para efeito de fundamentar aspectos da sua concepção: Particularismo Histórico.

Na verdade, apesar do fato de Boas ter criticado o conservadorismo determinista do método comparativo clássico isso não o impediu de aplicar métodos comparativos ao estudo das

⁷ Winick, Charles “Dictionary of Anthropology” Littlefield Adams & Co, New Jersey, 1970,p.164.

⁸ BOAS, Franz «Race,Language and Culture» -Collier MacMillan Limited, London, 1966,

comunidades humanas, embora o tivesse feito parcimoniosamente, ou seja, conferindo-lhe um relativo grau de generalidade que permitisse identificar, no contexto das comunidades humanas, independentemente dos seus respectivos particularismos, certas peculiares comuns às diferentes culturas, mas, sobretudo, repugnando ilações que fossem explicadas com base em conotações raciais, histórico-geográficas, econômicas, políticas, etc..

Em outros termos, o que Boas pretendia arguir é que, baseado numa compreensão analógica, ou seja, numa metodologia que permitisse identificar certas semelhanças no conjunto das diferenças, intuir que algumas inclinações da mente humana e do grupo a que pertence, podem conduzir a certos resultados comuns, que, apesar de não guardarem entre si uma rigorosa identidade, permitem que se constate entre eles formas funcionais de solucionar certos problemas, não obstante as variações circunstanciais que os circunscrevem.⁹

Ainda, no que concerne àquelas interpretações etnológicas já referidas, desenvolvidas durante os séculos XIX e XX, cujo viés racista e determinista estigmatizava as concepções desenvolvidas à época, seria oportuno ilustrar como suas ideias tiveram repercussão em culturas que ainda não haviam atingido um grau civilizatório comparável ao europeu e ao americano do norte, trazendo à colação os seus reflexos particularmente na realidade sociocultural brasileira. Trata-se da contribuição de Boas pensamento do sociólogo e antropólogo brasileiro Gilberto Freyre

Freyre, um profundo estudioso da cultura e da família patriarcal brasileiras, aluno de Boas em Columbia, na sua conhecida obra “Casa Grande e Senzala” afirmou que as ideias do criador da Antropologia Moderna, coloca segundo ele, a questão das

⁹ Op. cit. p.341

diferenças mentais entre grupos humanos nos seus verdadeiros termos¹⁰:

“ele considera o fenômeno das diferenças mentais entre grupos humanos mais do ponto de vista da história cultural e do ambiente de cada um do que da hereditariedade ou do meio geográfico.”

Referindo-se à importância daquele pensador para a formulação da sua teoria sobre a problemática da miscigenação racial no Brasil, Freyre ainda esclarece que:¹¹

“Foi o estudo de antropologia sob a orientação do professor Boas que primeiro me revelou o negro e o mulato no seu justo valor – separados dos traços de raça os efeitos do ambiente ou da experiência cultural, Aprendi a considerar fundamental a diferença entre raça e cultura, a discriminar entre os efeitos de relações puramente genéticas e os de influências sociais, de herança cultural e de meio. Neste critério de diferenciação fundamental entre raça e cultura assenta todo o plano deste ensaio. Também no da diferenciação entre hereditariedade de raça e hereditariedade de família.”

Por fim, ainda acerca da contribuição de Franz Boas para a Antropologia Cultural e das inúmeras críticas às suas opções metodológicas e epistemológicas, verifica-se que elas guardam, *modus in rebus* certas analogias com aquelas direcionadas pelos

¹⁰ FREYRE, Gilberto “Casa Grande e Senzala” Global Editora, 2007, p.381

¹¹ Idem. *Ibidem*.

críticos do pragmatismo aos genuínos líderes dessa vertente filosófica nos Estados Unidos.

Visto numa perspectiva genérica o evolucionismo é uma doutrina determinista de cunho metafísico, seja materialista, seja espiritualista e que interpreta o real na sua totalidade e não simplesmente como uma dimensão biológica da evolução dos seres vivos obedecidas as suas respectivas peculiaridades. Esse evolucionismo de carácter metafísico tem em Spencer o seu principal representante. Para ele a ideia do progresso é o carro chefe que impulsiona toda a realidade.

É através da concepção antropológica de Franz Boas que vem à tona o seu conceito de cultura e a sua crítica as aludidas teorias, as quais, praticamente predominaram ao longo dos séculos XIX e XX. O fulcro dessa dissidência concentrava-se na rejeição de Boas aos postulados que davam sustentação e funcionalidade à uma maioria significativa dos evolucionistas de então, a saber, que, o carácter universalista da teoria da evolução, postulava que toda a cultura humana estaria condicionada a leis universais e inexoráveis e que, portanto, sem manto encobria todas as culturas numa espécie de darwinismo social que atuava como um contraponto às filosofias especulativas acerca da história.

Em contraposição, à Antropologia evolucionista, a teoria de Boas, se assenta nas diferenças entre as culturas e não nas suas determinações unilineares, nomeadamente de natureza racial. Logo, compreender a forma como cada cultura funciona no contexto do processo social global requer, como ponto de partida, uma análise das suas singularidades, sejam elas psicolinguísticas, sociais, religiosas, técnicas, artísticas, etc.; ademais, é fundamental que se observe com o processo de interação se manifesta no seio de cada grupo social. Rompendo com o paradigma do progresso linear, o antropólogo voltar-se-ia, então para os aspectos sui-generis,

responsáveis pela organização e funcionamento de cada comunidade.

Uma consequência necessária dessa interpretação consiste em que se imponham limitações à utilização dos métodos comparativos, então utilizados de forma ampla e ambiciosa. Num famoso Paper que apresentou perante a Associação de Antropologia, em Buffalo, intitulado “The Limitations of the Comparative Method of Anthropology”. Boas critica a então moderna visão antropológica ao ironicamente afirmar¹²:

“Os mesmos fenômenos etânicos ocorrem entre as pessoas mais diversas, ou, como Bastian diz sobre a monotonia das ideias fundamentais da humanidade em todo o mundo.” (...) “o mesmo é o caso das formas de sociedade, leis e invenções”.

Na verdade, ao criticar o método comparativo, Boas não pretende simplesmente excluí-lo do arsenal metodológico utilizado pela Antropologia, mas sim – repita-se - que a sua aplicabilidade, na medida em que leve em consideração as manifestações particulares das culturas humanas, abandone a veleidade de assumir aparentes conexões entre diferentes culturas, sem levar em consideração as suas particularidades. Sua conclusão, embora um tanto quanto nostálgica, não fecha as portas a futuras possibilidades mais realistas e promissoras. Para ele, o método comparativo, na forma como vem sendo utilizado:¹³

As inúmeras críticas direcionadas ao chamado “Particularismo Histórico de Boas”, representam o reverso da medalha. Isso porque, não poucas vezes, Boas foi taxado ora de relativista, ora de evolucionista.

¹² BOAS, Franz “Race, Language and Culture” Collier Macmillan Limited, London, p.271

¹³ BOAS, Franz op. cit.

Para dar conta dessas críticas sugere-se, alternativamente, que se traga à baila as reflexões da antropóloga americana Ruth Bunzel que, ao lado de Ruth Benedict e Margareth Mead, se tornaram suas mais destacadas seguidoras e colaboradoras.

Para fundamentar a sua argumentação ela se serve de exemplos atinentes às pesquisas de Boas sobre a vida primitiva dos selvagens as quais serviram de argumento para enquadrá-lo no rol dos relativistas éticos.

Para refutar tal argumentação Bunzel refere-se ao fato de ter sido o canibalismo uma prática comum, não só entre os Esquimós mas vários povos primitivos; entretanto o canibalismo, nessas circunstâncias, não poderia ser considerado *stricto sensu* como um comportamento anti-ético que caracterizasse um relativismo moral, mas antes como uma imperiosa circunstância imposta pelas crenças do primitivos para garantirem a sobrevivência individual e do grupo.

Seria, por exemplo, a conduta do hipotético “Homo lupus homine” movida por violenta irracionalidade e impulsionada por forças instintivas algo estritamente anti-ético? e o que dizer das práticas ritualísticas dos primitivos que impunham sacrifícios humanos?

As práticas canibalescas dos Esquimós, ocorreram, outrossim, admitia Boas, em virtude de certos imperativos de sobrevivência os quais marcaram inexoravelmente os estágios primitivos do processo civilizatório, mas em nenhuma hipótese como um congênito sentimento de extermínio do próximo e, muito menos, um instrumento de natureza política que justificasse a submissão do grupo à vontade monocrática do soberano.

Por fim, e apesar do nosso nível civilizatório vale rememorar os episódios horripilantes há poucos anos ocorrido no acidente aéreo com um avião chileno nos Andes, do qual resultou a

prática de canibalismo entre os próprios passageiros. Poder-se-ia categorizar tais fatos igualmente como anti-éticos? Problemas dessa natureza colocam insuperáveis dilemas à aceitação dessas práticas, sejam nas sociedades primitivas, sejam nas civilizadas. O seu grande dilema consiste em interpretá-las formal e logicamente à luz das nossas concepções morais, jurídicas, e religiosas, o que suscita, obviamente, dramáticas e conflitantes interpretações.

Assim, em relação aos Esquimós e as suas práticas canibalescas elas se deveram – à luz da teoria de Franz Boas - à estrita necessidade de sobrevivência, criando certas situações-limite que o ser humano teria fatalmente de vivenciá-las, mas nunca estabelecer sobre as mesmas juízos que moralmente as justifiquem.

Elas devem ser interpretadas analogamente – esclarece Bunzel - àquelas em que o biólogo admite como inexorável os hábitos predatórios dos tigres que se servem das suas presas para garantir a sua própria sobrevivência. Mas, esclarece Bunzel¹⁴:

“Porque os antropólogos estão estudando os seres humanos, e porque estamos envolvidos com a humanidade e, em um sentido profundo, são nossos irmãos guardiões, esse distanciamento é difícil de alcançar sem confundir sensibilidades morais. Não tivemos que viver com a perspectiva diária de fome; nós não fomos ensinados a acreditar que a Terra deve ser fertilizada com sangue humano, se é para suportar. Podemos nos dar ao luxo de valorizar cada vida humana”.

Outro equívoco que igualmente se atribui à concepção de Boas – adverte ainda Bunzel – é aquele que provém dos críticos que costumavam taxá-lo de anti-evolucionista. Apesar do assunto já ter sido, em parte, anteriormente abordado há ainda certos

¹⁴ BOAS, Franz, op. cit. p.9

aspectos que se torna oportuno destacar; é que, na verdade, o que Boas realmente criticava era aquela visão de um evolucionismo linear acerca das interpretações etnocêntricas que prevaleceram ao longo dos séculos XIX e XX, segundo as quais a espécie humana obedecia a uniformes e determinísticos estágios de evolução que necessariamente se sequenciavam numa lógica determinista e dualista. Mas o que é mais importante destacar é que, com base nessas premissas, as culturas eram seccionadas praticamente em duas grandes categorias, insusceptíveis de aproximação e de superação; aquelas que se encontravam em estado de selvageria, atraso, subdesenvolvimento e, em contraponto, às que tinham atingido um estágio de evolução cultural avançado e, nesse sentido, não só a elas se se antagonizavam, como poderiam tutelá-las e explorá-las. Aqui sim, seria pertinente interpretar tais técnicas de dominação sob perspectivas éticas e morais:

Finalmente, do ponto de vista socio-antropológico, é oportuno destacar que foi o sociólogo Emile Durkheim quem deu uma importante contribuição para a evolução dos estudos etimológicos através da introdução os métodos funcionalistas, como se verá adiante. Mas, juntamente com Durkheim não se poderia omitir a influência desse sociólogo no pensamento de Franz Boas, bem como a de outro importante sociólogo: Thorstein Veblen. Ambos, receberam nítidas influências de vários pensadores pragmáticos e tiveram, por seu turno uma ativa participação no pensamento dos mesmos. Em relação a Thorstein Veblen, por exemplo, Lewis A Coser destaca o fato de que o referido sociólogo:

“Participou das palestras de Charles Peirce na John Hopkins; John Dewey e George H. Mead estavam entre seus colegas em Chicago. Embora não haja evidência de

que ele conhecesse William James pessoalmente, sua concepção de fonte social de auto-estima e auto-estima deve-se evidentemente a James, assim como a Mead e Dewey. ”(...)” Qualquer leitor do trabalho de Boas, ou de sua alta vulgarização em Ruth Benedict *Patterns of Culture*, ficarão impressionados com a semelhança entre a descrição de Boas da competitividade entre os Kwkiutl, onde os rivais lutam apenas com a propriedade, e as descrições de Veblen sobre conspícuo consumo e desperdício em sua *Teoria da Lazer*”.¹⁵

3. UM ARREIMATE CONCLUSIVO SOBRE O PENSAMENTO E O MÉTODO DE FRANZ BOAS, SEU PARTICULARISMO HISTÓRICO E SUAS APROXIMAÇÕES COM O PENSAMENTO PRAGMÁTICO

O papel desempenhado por Boas na história e no desenvolvimento da moderna Antropologia, através do seu Particularismo Histórico, caracteriza-se, sobretudo pela ruptura entre teoria e prática, o que o põe em conflito com o clássico viés dualismo que caracterizou a epistemologia moderna, desde Descartes. Com isso, a explicação causal cai por terra e Boas e seus seguidores, inauguram uma nova etapa no desenvolvimento das ciências sociais, em particular da Antropologia.

A relação dos antropólogos formados sob a orientação de Boas é praticamente incalculável; além daquelas já mencionadas e que foram suas mais diletas discípulas, Ruth Benedict, Ruth Bunzel

¹⁵ Coser A Lewis “Master of Sociological Thought” Harcourt Brace Jovanovich Inc. , New York, 1971 p 292.

e Margaret Mead, detaque-se ainda. Alfred Koeber, Robert Lowie, Eduard Sapir, Melville Herskovits, Alexander Goldweiser e outros. Mas, na verdade, Boas nunca impôs as suas convicções a nenhum deles, dando plena liberdade para que cada um construísse o seu próprio caminho, muito embora, na sua longa estada na Universidade de Columbia tivesse exercido uma forte e contínua liderança, tanto do ponto de vista acadêmico *stricto sensu* quanto da sua habilidosa capacidade de organizar e dirigir iniciativas atinentes aos eventos na esfera das atividades antropológicas, num ambiente no qual essas atividades ainda não haviam galgado um espaço de cientificidade relevante.

Apesar da sua preocupação com as diversificações históricas das culturas e a sua natural rejeição a interpretações de cunho globalizante, estribadas na clássica teoria da evolução e na esteira do método comparativo, Boas, ponderadamente, criticou a ênfase atribuída às teses que superestimavam as regularidades e subestimavam as particularidades na totalidade do universo cultural.¹⁶:

Por fim, vale destacar que essa virada antropológica não representou apenas uma tomada de posição metodológica independentemente do que, de forma similar, veio a ocorrer no campo da Sociologia e da Filosofia, particularmente no que concerne as suas respectivas abordagens metodológicas.

¹⁶ BOAS, op, cit. p.280

4. AS REFLEXÕES ACERCA DO INDIVÍDUO E DA FORMAÇÃO CULTURAL DAS COMUNIDADES À LUZ DA CONCEPÇÃO PRAGMÁTICA DE JOHN DEWEY

As considerações acerca do indivíduo e de suas interações com o grupo, acima discutidas, segundo as propostas antropológicas de Franz Boas serão, agora, analisadas sob a ótica de um dos *fathers* do pragmatismo americano, John Dewey.

Dewey assinala que, o indivíduo, desde o seu nascimento, enquanto partícipe de um grupo social, está compulsória e constantemente assimilando e incorporando culturalmente tradições, costumes e crenças oriundas do grupo. Entretanto, nas sociedades onde a solidariedade social é mecânica - para utilizar uma das categorias de Durkheim - rupturas com tabus e mitos representam atitudes desleais que afrontam a vontade coletiva. Portanto a rotina deve ser religiosamente mantida e as inovações drasticamente recalcadas. Contudo, a proporção que o conhecimento, os processos de comunicação e as novas técnicas de lidar os recursos naturais e humanos se ampliam e diversificam, a sociedade progressivamente se vai tornando orgânica, (o contraponto durkheimiano ao conceito de sociedade mecânica) permitindo que tais conhecimentos e técnicas passem a ser a ela incorporados, através da sua assimilação à mentalidade e aos hábitos dos indivíduos, favorecendo a inovação e a criatividade¹⁷:

Um primeiro ponto merece aqui destaque: a abordagem filosófico-metodológica utilizada pelo Pragmatismo, pressupõe a discussão de dois aspectos que, *modus in rebus*, ratificam e consolidam o seu parentesco com os estudos antropológicos: a) a abordagem interdisciplinar a qual atua como uma espécie de cimento capaz de possibilitar a ambos a consolidação das investigações provenientes de diferentes saberes e culturas como no caso do presente estudo, na busca de formas interativas que permitam metodologicamente encontrar um denominador comum,

¹⁷ DEWEY, John “Experience and Nature, op.cit. p, 175

hábil a articular - sem, com isso, identificar ou muito menos dualizar - os achados oriundos das ciências estruturais de núcleo duro (ciências naturais) e aquelas que lidam com aspectos funcionais relacionados às predisposições mentais e idiossincráticas dos indivíduos; b) o segundo ponto de interseção concerne ao próprio conceito da palavra experiência e da forma como sua correta interpretação poderia converter-se numa forma mais elevada de vivência cultural: a experiência democrática.

5. CONCLUSÃO

O conceito de experiência representa o fundamento que dá sustentabilidade e funcionalidade à filosofia pragmática. Isso porque, sendo a experiência o locus por excelência onde, culturalmente as ações humanas vivenciam suas mutações e conflitos, há necessidade de uma adequada compreensão intelectual para que as situações problemáticas possam ser superadas.

A importância do conceito de experiência em Dewey há de ser inarredavelmente associada ao conceito de democracia. Ninguém, todavia, foi mais enfático quanto a sua relevância do que John Dewey. Por conseguinte, e com base nessas ponderações é que se optou por considerar o aludido pensador como o paradigma hábil à exposição dos aludidos conceitos

A importância dessas reflexões ganha maior magnitude, na medida em que provém da filosofia de John Dewey - o mais importante filósofo e educador americano. Dewey, ademais, foi o pensador que mais do que qualquer outro, hiperbolizou os aspectos políticos e educacionais da vida individual e social e da relevância da democracia como *conditio sine qua non* a consecução da autêntica realização do homem. O que sobremodo contribuiu para que sua imagem fosse objeto de uma contínua deterioração, seja na

convencional sociedade liberal americana, seja em outras regiões do planeta.

Dewey chegou, inclusive, a ser considerado um radical agitador e um perigoso ativista político.

Dewey diagnostica como uma espécie de patologia social a inclinação da maioria dos seres humanos de conceber e procurar solucionar os problemas, colocando-os sob a forma de conflitos que estão a requerer soluções extremas ou seja, as escolhas da maioria dos homens se dá na base do binômio dualista cuja equação se reduz a opções antagônica e inconciliáveis que não admitem, quaisquer possibilidades intermediárias.

Com efeito, extremos não convergem, mas isso não implica, afirma Dewey, que não se possa procurar um nível de conciliação entre eles; assim, quando os problemas emergem e se antagonizam no seio dos movimentos sociais, intelectualmente eles se refletem sob a forma de controvérsias; há, do ponto de vista histórico, dois tipos de interpretação que predominam no seio das relações sociais: ou os indivíduos se apegam a valores e condutas acumuladas em experiências passadas, ou simplesmente as rejeitam, seduzidos por propostas inovadoras que rompem com o passado e com suas tradições. Então, a proposta de Dewey consiste em, hipoteticamente, tentar construir teorias que se proponham a compreender e equacionar essas divergências antagônicas, através de uma formulação crítica de teóricas alternativas que, nem adiram ao saudosismo do retrocesso, nem cedam ao fascínio impensado pelo novo e o inusitado. Decisões inteligentes nesse caso são fundamentais (Inteligência e racionalidade não são sinônimos); logo, um plano de ação inteligente pressupõe – como numa régua de Lesbos – um aprofundamento e superação dos extremos inerentes as concepções e práticas em disputa, através da sua subsunção e da criação de uma terceira alternativa.

Cabe, ainda, por fim, fazer mais uma referência às mencionadas aproximações entre o Pragmatismo e a Antropologia dessa vez relacionando-as à História. Isso porque entre elas há também um predicamento comum que merece menção. É que cada um ao seu modo, embora atribua importância ao indivíduo como

agente das ações culturais, procuram estender e ampliar o seu olhar para além de uma pura perspectiva subjetivista. O propósito passa a ser então o de compreender, para além dele, certas peculiaridades inerentes às condutas vistas numa perspectiva coletiva e que geram, frequentemente, com não pouca frequência, situações problemáticas que, por seu turno, conduzem à inúmeras perplexidades. É precisamente nessas circunstâncias que há de se estar atento contra as tentações de recorrer aos clássicos modelos cartesianos ou behavioristas que põem o acento na representação racional pura do objeto, ou numa relação entre o racional e o sensível cindidos por um corte epistemológico, ou ainda recorrendo a leis uniformes e unilineares submetidas à camisa de força de uma rígida e inexorável teoria da evolução.

Dewey, que teve oportunidade de conviver na Universidade de Columbia com Franz Boas e assimilar os aspectos nobres das suas concepções destaca enfaticamente que:

“Antropólogos contemporâneos deixaram clara a natureza histórica dos fenômenos com os quais lidam. As culturas são, em muitos aspectos, individuais ou únicas, e suas manifestações são "explicadas" por correlações entre si e por empréstimos, devido à mudança de contatos. A lei principal, ainda que não exclusiva, de suas mudanças é a transmissão de outras culturas individuais.”¹⁸

Visto, desse modo, na perspectiva histórica acima referida, resta ao Pragmatismo e à Antropologia ainda a lição que deriva do conceito basilar que serve de fundamento as suas construções

¹⁸ DEWEY, op.cit. p.122-123

teórico-práticas: a teoria da experiência. Ela não interpreta o passado, e o presente como momentos isolados e incomunicáveis. Eles são sim, instâncias de um mesmo processo dialético, sujeitos a uma contínua evolução e a uma mútua superação; certas experiências passadas podem ser valiosas enquanto são capazes de, estimular e promover o desenvolvimento de novas e mais ricas experiências, ou, ao revés, na hipótese das mesmas se afigurarem problemáticas, readaptá-las de sorte a superar os conflitos e controvérsias que impedem o seu crescimento.

Os efeitos e as consequências dessa teoria Dewey, analogamente, as canaliza para o processo educativo. Assim, é possível que, tanto uma experiência educativa pretérita possa ser promissora para o processo educativo do presente, como, contrariamente, uma experiência do presente que não promova o crescimento de novas e mais promissoras experiências pode ser pernicioso tanto para o *hic et nunc* quanto para o futuro. Esse é o pêndulo do relógio pragmático deweyano sob o qual oscila os acontecimentos experienciais.

Observe-se que no background dessa simples descrição acerca do conceito de experiência é possível vislumbrar a presença de duas teorias que servem de alicerce à sua conceptualização: a) o evolucionismo e b) o espectro do método dialético hegeliano; quanto ao primeiro, sua interpretação aproxima-se daquela esposada por Boas, a qual será adiante analisada; em relação à segunda, vale trazer à colação o depoimento do próprio Dewey ao afirmar que – não obstante as suas divergências, a concepção hegeliana, Hegel havia deixado um legado permanente para a sua formação filosófica.

O conceito de experiência inunda o universo pragmático, constituindo o substrato de todo o conhecimento, filosófico, científico, sociocultural ético e estético. Enquanto totalidade experiencial ele representa um aglomerado infinito de elementos a estabelecerem entre si as mais diversas e por vezes conflitantes relações.

Precisamente, por conta dessa variedade diversificada, tudo se submete a um quê de precariedade, de instabilidade, suscetível a

contínuas e inesperadas transformações. Conseqüentemente, a experiência se estiola num contínuo, que ora promove interações entre os indivíduos ou entre estes e o meio-ambiente, ora acarretam aporemias, raciocínios lógico-dialéticos que, segundo Aristóteles¹⁹, conduzindo à perplexidade e a rupturas, em virtude de não permitir que se identifique qual das alternativas inerentes à contradição se possa optar.

Mas há ainda, por fim, outra área do conhecimento humano, também inerente a presente análise, que não pode ser desconsiderada, mercê do seu legado indispensável a uma compreensão mais nítida da evolução do processo cultural e também e principalmente, por guardar uma consanguínea relação com a natureza e a função dos achados antropológicos e sócio-jurídicos objeto da presente investigação. Trata-se da História. Isso porque, tomando como ponto de partida as investigações históricas dos antigos gregos, observa-se que foi a partir de Heródoto e depois com Tucídides - apenas para mencionar alguns clássicos historiadores notáveis - que elas, ao longo de todo o processo civilizatório, se sucederam, com o propósito de temporalmente, descrever e analiticamente interpretar o processo evolutivo das diferentes formas de organização social, política, econômica, filosófica e estética da cultura humana.

Estribado nessas reflexões sobre o conceito de experiência, Dewey faz um balanço crítico das duas principais propostas metodológicas modernas que, respectivamente se propõem, sob premissas opostas, a explicar o que é o real e como, a partir dele, é a possível acessar à verdade: o Racionalismo de René Descartes e o Empirismo de John Locke.

Segundo ele, a concepção cartesiana se apoia em dois pilares historicamente distantes e epistemologicamente

¹⁹ ABBAGNANO, Nicola “Dicionário de Filosofia” Martins Fontes, São Paulo, 1999, p,74

incompatíveis: a reminiscência à ideia do “Ser”, cuja origem mais remota encontra-se na Grécia com Parmênides, mas que, no século III, assume uma feição neo-platônica com Plotino; segundo a acepção plotinana, inclina-se por uma metafísica dualista e monista. Por um lado pretende superar o dualismo platônico através da ideia do monismo desenvolvido pela filosofia estoica, tudo sob a égide ds lógica aristotélica; a visão inteligível do ser, não se esgota na pura forma, mas congrega forma e matéria sendo esta última plenamente inteligível. Segundo ele, esse arbítrio intelectualista que pretende metodologicamente submeter o conhecimento dos objetos à camisa de força do isolamento cognitivo, desconhece, como afirmava Dewey que: “São coisas que tinham antes de serem conhecidas”.²⁰

Quanto a Locke, analisando historicamente a proposta do filósofo inglês de que a mente é uma “tabula rasa”, seria possível interpretá-la como uma tentativa de arquitetar o deslocamento de categorias como gênero- espécie, cuja natureza é físico-biológica para uma dimensão psicológica, na suposição de que, desse modo, seria possível restabelecer bases empíricas a uma nova explicação da relação sujeito-objeto. Entretanto, Locke, de fato, não assume o real como um ponto de partida, mas, no dizer de Padovani, se serve do pensamento ”fenomenalisticamente,” para chegar a ele, ou em outras palavras, utilizando-se de uma nova forma de dualismo, pretende acessar o mundo empírico tendo como aval o próprio pensamento; isso, segundo Dewey, deixa claro que, para Locke, o pensamento é, inevitavelmente, o ponto de contato com a realidade objetiva.²¹

Os princípios da continuidade e da interação são - como intitulou John Dewey – as dimensões laterais e transversais da experiência. Elas correspondem às formas ordenadoras da totalidade dos fenômenos naturais e humanos que se processam no tecido da natureza e do cultural environment.

²⁰ DEWEY, John “Experience and Nature” Open Court, 1971, p.21

²¹ DEWEY, John, op. cit. p.188

Mas há ainda, por fim, outra área do conhecimento humano, também inerente a presente análise, que não pode ser desconsiderada, mercê do seu legado indispensável a uma compreensão mais nítida da evolução do processo cultural e também e principalmente, por guardar uma consanguínea relação com a natureza e a função dos achados antropológicos e sócio-jurídicos objeto da presente investigação. Trata-se da História. Isso porque, se tomar-se como ponto de partida as investigações históricas dos antigos gregos, observa-se que foi a partir de Heródoto e depois com Tucídides - apenas para mencionar alguns clássicos historiadores notáveis – que elas, ao longo de todo o processo civilizatório, se sucederam, com o propósito de temporalmente, descrever e analiticamente interpretar o processo evolutivo das diferentes formas de organização social, política, econômica, filosófica e estética da cultura humana.